

REFLEXÕES SOBRE SEGURANÇA PÚBLICA E CORPOS NEGROS: QUANDO UM CORPO NEGRO TOMBA, NÓS TOMBAMOS JUNTOS

REFLECTION ABOUT PUBLIC SECURITY AND BLACK BODIES: WHEN A BLACK BODY FALLS, WE FALL TOGETHER

Marcos Oliveira de Jesus

Bacharel em Serviço Social – UFRB
Mestrando em Política Social e Territórios – UFRB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
marcos.oliveira@aluno.ufrb.edu.br

Wagner Souza da Encarnação

Bacharel em Serviço Social – UFRB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
wagner.souza@aluno.ufrb.edu.br

RESUMO

O presente produto parte do relato de experiência extensionista proporcionado pelo Centro Acadêmico de Serviço Social Marielle Franco (CASSMAF-UFRB), com objetivo de fomentar a formação política e pedagógica dos estudantes de Serviço Social, abrindo o diálogo a respeito de temas importantes para refletirmos a respeito da formação do Brasil contemporâneo. Como resultado destacamos a participação dos estudantes da graduação em Serviço Social, da comunidade externa e de outras universidades para somar neste espaço.

Palavras-chave: Negritude. Racismo. Proibicionismo.

ABSTRACT

The present product starts to report of extensionist experience provide by Academic Center of Social Service Marielle Franco (CASSMAF-UFRB), with aims of promote the politic and pedagogic formation of the Social Service students, opening a dialogue about important themes to reflecting the formation of contemporaneous Brazil. As result we highlight the participation os undergraduate students in Social Service, the external community and other Universities to add to this space.

Keywords: Blackness. Racism. Prohibitionism.

INTRODUÇÃO

Pensando na formação pessoal e profissional que a universidade proporciona ao seu corpo estudantil, as ações extensionistas corroboraram significativamente para esta formação, sendo um dos tripés dentro da universidade

(ensino, pesquisa e extensão). Desta maneira, o presente trabalho é fruto de uma ação extensionista organizado pelo Centro Acadêmico de Serviço Social Marielle Franco – gestão 2020-2021 – (CASSMAF-UFRB), justificando-se na discussão das vivências estudantis, sendo elas: extensão, projeto de pesquisa, iniciação

científica, monografia, relato de experiência, centro acadêmico, monitoria remunerada ou voluntária, por exemplo.

Os ciclos de debates buscavam uma reflexão por parte dos estudantes e demais públicos, essas reflexões traziam questões ligadas a resistência e permanência na universidade, sua inserção e formação, uma vez que conhecer a realidade do outro é um exercício de aprendizado para o estudante de Serviço Social. Foram debatidos as perspectivas e desafios dos estudantes nesse período atípico, sendo o ciclo de debate um espaço para discussão, reflexão e união, onde os ouvintes tinham abertura para opinar e expor a sua realidade caso se sentissem à vontade. Dentre os ciclos houve uma sensibilidade em temas pouco discutidos e presentes na sociedade, como a hipersexualização do corpo da mulher negra e a criminalização do aborto – um assunto tão delicado e que poucos se sentem à vontade em dialogar –, a arte para jovens negros, a trajetória e narrativas de indígenas e quilombolas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), segurança pública, corpos prestos e LGBTQIA+ e tantas outras pautas que foram abordadas nesses momentos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma produção descritiva, construída através do relato de experiência do ciclo de debates proporcionado pelo CASSMAF-UFRB, intitulado "VAMOS DEBATER IDEIAS: o protagonismo das/os estudantes de serviço social", que convida os/as estudantes de Serviço Social para narrar a respeito das suas pesquisas, relatos de experiências em movimentos estudantis, movimentos sociais, dentre outros.

O ciclo de debates teve a duração de 4 (quatro) meses, sendo realizada em sua totalidade 6 (seis) debates, apresentando diversos temas e discussões que atravessaram e atravessam de alguma forma os estudantes de Serviço Social, havendo debates sobre os desafios e

perspectivas dos estudantes, hipersexualização do corpo da mulher negra e criminalização do aborto, impactos da arte na vida jovens negros, permanência de indígenas e quilombolas na Universidade e, por fim, os desafios da segurança pública: corpos pretos e corpos LGBTQIA+.

O trabalho desenvolvido pelo CASSMAF-UFRB é aplicado pelo *Google Meet*, devido às condições pandêmicas causadas pela COVID-19 que o mundo ainda está vivenciando. O grupo alvo deste trabalho foram os estudantes de Serviço Social, os demais estudantes da UFRB e a comunidade externa da UFRB, incluindo também alguns territórios do Recôncavo da Bahia. O foco deste relato de experiência se desdobrá sobre o debate dos desafios da segurança pública: corpos pretos, sendo uma discussão importante e que não se esgota neste relato de experiência.

"NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE"¹

Esse ensaio objetiva fazer algumas reflexões sobre a relação entre a segurança pública, a população negra e o racismo no Brasil, e como ponto de partida apresentamos elementos dessa relação complexa e estrutural, além de apontarmos o projeto da branquitude iniciado a centenas de anos atrás, um projeto de embranquecimento que segue em curso com parâmetros contemporâneos de controle e opressão aos corpos negros.

As relações sociorraciais sofreram modificações históricas, assim como a sociabilidade brasileira. Autores como Florestan Fernandes, Sérgio Guimarães, Octavio Ianni, entre outros, vão fazer debates importantes sobre o período da escravização e como esse processo subsidiou e estruturou as relações contemporâneas da nossa sociedade, não à toa, Ianni (2004) aponta que a questão racial continua de forma modificada, ou seja, o racismo com uma nova roupagem, talvez uma *Gucci*².

¹Dada toda história da população negra e da luta dos movimentos negros no Brasil, entendemos que autores e autoras brasileiros(as) já deram conta de introduzir esse debate, desta forma, optamos por trazer a frase supracitada da autora Jurema Werneck (2000), dando início as reflexões sobre o objeto proposto.

² Após ser acusada de racismo, a grife italiana Gucci cria o departamento de diversidade e nomeia Renée Tirado como chefe global do departamento. Ver mais em: <https://economia.ig.com.br/empresas/2019-07-31/apos-lancamento-de-sueter-racista-gucci-cria-departamento-de-diversidade.html> Acesso em: 11 de março de 2021.

A invasão portuguesa inicia o processo de expropriação e exploração das terras brasileiras, dos corpos nativos, e depois, dos corpos negros desde a África até o Brasil. Esse processo condicionou as relações estritamente opressoras nos dias atuais. O processo de abolição não foi sobre a piedade da coroa portuguesa, elementos internos e externos pressionaram para que houvesse a abolição. O que vai mostrar essa falsa piedade que a branquitude tentou nos empurrar goela abaixo é justamente a falta de políticas de inserção e reparação para a população negra, na verdade, acontece um processo contrário, são implementadas políticas de apagamento da história e da identidade da população negra, principalmente pelo processo de embranquecimento.

Por vez, a negação do racismo tem origem nas políticas de apagamento do rastro destrutivo que foi deixado pela escravização da população negra e todas essas determinações sócio-históricas nos alienam e nos distanciam das nossas identidades, um processo violento e por vezes, invisível. As perpetuações de práticas violentas são reflexos das falhas do nosso passado recente, a criação de estereótipos e a subversão da negritude nos trouxe para um Brasil em que a morte da população negra é naturalizada e justificável. Contudo, ainda que a morte seja aos olhos de muitos a concretização da violência, ela se apresenta mais extensa, de forma geracional e que se renova dentro de um sistema de opressões.

Todo o sistema de opressões ao qual a sociedade brasileira está imersa carrega mistificações sobre a população negra, o que dificulta ainda mais discutir relações raciais, primeiro pelo apagamento da identidade, segundo pela criação de mitos e percepções tortuosas, racistas. Nesse sentido, cabe um adendo para que não caiamos no conto do Vigário, ou melhor, no conto de Gilberto Freyre. A obra “Casa Grande Senzala” de Freyre recebeu críticas por apontar a existência da democracia racial no Brasil, entretanto, no país de mitos folclóricos, esse posicionamento impacta negativamente as relações sociorraciais. O mito da democracia racial desencadeia justificativas da miscigenação para negar o racismo estrutural

e estruturante fazendo dissimulações sobre as relações contemporâneas brasileiras.

De encontro ao processo de branqueamento, Kabengele Munanga (2019) na versão atualizada do seu livro “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil”, elucida posicionamentos coesos de como tal processo é continuado e repercute disfunções sociorraciais na identidade do povo brasileiro. O primeiro elemento apontado por Munanga sobre o embranquecimento tem relação ao objetivo primário, ou seja, tornar a sociedade brasileira fisicamente uma extensão europeia, contudo, esse objetivo não se concretizou e a nossa sociedade se forma pluralmente por negros – pretos e mestiços –, brancos, indígenas e asiáticos. O segundo elemento está mais vinculado a subjetividade que esse processo desencadeou, pois, se de um lado o objetivo de branquear o Brasil não se deu como o planejado, do outro a ideologia do embranquecer nos distanciou das nossas identidades e isso reverbera em obstáculos para nos reconhecermos enquanto sujeitos de lutas coletivas.

Os elementos analíticos apontados nos permitem mergulhar sobre a realidade brasileira e como os embates sobre a questão racial se instalam na agenda dos movimentos negros e movimentos que se aproximam da luta antirracista. A organização negra aparece como ferramenta de luta desde o período da escravização, um dos elementos internos para a conquista da abolição ao qual citamos acima é justamente essa movimentação que pressionava a coroa em busca da libertação da população escravizada. Na atualidade os movimentos negros se inserem ainda como ferramentas de luta organizada, porém, enfrenta os obstáculos das alienações provocadas pelo embranquecimento³. O combate ao discurso de redução do racismo e outras opressões a expressão composta trissílaba “mi-mi-mi” gesta-se na necessidade de contrapor ideologias de apagamento da realidade da população marginalizada.

Nesse sentido, o resgate da construção sócio-histórica do Brasil traz elementos basilares e que não podem ser dissociadas das análises sobre as políticas implementadas, principal-

³ Ver mais em: FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*, 2008.

mente a política de segurança pública que tem o seu princípio nas formas de controle e recondução dos escravizados que fugiam do sistema escravocrata altamente violento e sangrento.

SEGURANÇA PÚBLICA E A GUERRA RACIALIZADA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A sistematização do pensamento marginalizador da branquitude encabeça e hierarquiza as relações sociorraciais cotidianas dentro do Estado brasileiro e das suas instituições. De tal modo, não é de se espantar que as instituições vinculadas à segurança pública, principalmente a polícia militar, reproduzam o pensamento da branquitude, já que as polícias são o braço armado do Estado.

A leitura sobre a realidade concreta do Brasil nos dias atuais nos apontam caminhos para refletir as determinações das opressões que se estruturam no Estado de formas conectadas. Nesse sentido, as interlocuções com elementos do racismo e dos debates de classe, gênero e geração são essenciais para compreendermos as ações das polícias nos territórios periféricos aproximando-as da barbárie. São ações truculentas que desumanizam a população negra, muitas dessas terminam em mortes de jovens negros. Alguns estudos vão trazer dados que comprovam essa violência sistemática do Estado contra a população negra, destacamos as contribuições de Ferrugem (2019) e Saad (2019).

Outros dados podem ser encontrados nos relatórios vinculados a política de segurança pública, porém, alertamos que tais indicadores podem sofrer com a subnotificação, principalmente, em delegacias do interior e sobre essa questão apontamos um dos nossos estudos (JESUS, 2019), ao qual fazemos uma contribuição ao debate da guerra às drogas e o racismo estrutural e estruturante no Estado brasileiro. Destacamos também a importância de coletivos como a “rede de observatórios da segurança” que fazem acompanhamento e difundem informações sobre segurança pública. Dessa forma, com base nas nossas indicações optamos por não trazer dados empíricos so-

bre violência e segurança pública, pois entendemos que as obras citadas dão conta de ampliar o debate.

A partir desse ponto, podemos explorar a indústria de fazer guerra mundialmente difundida e que movimenta cifras na casa dos trilhões, tal indústria se relaciona com o Brasil, principalmente, através da política sobre drogas e segurança pública. O Brasil é um país declaradamente proibicionista, se alinha à ordem mundial de combate às drogas encabeçada pelos Estados Unidos. A relação com o proibicionismo internacional se desdobra em questões complexas das relações hierarquizadas do Brasil contemporâneo. A ideologia do proibicionismo cria a guerra às drogas e por consequência se relaciona intrinsecamente com a política de segurança pública, pois são os agentes dessa política que assumem a linha de frente do combate às drogas.

A relação do proibicionismo com a política sobre drogas e a política de segurança pública, gera o clima de guerra e violência contra populações específicas. Através da justificativa do combate às drogas, a polícia brasileira invade os territórios periféricos e, como se fosse um jogo de tiro ao alvo, exprimem a matança de jovens negros, alimentando os dados estatísticos do genocídio da juventude negra e demonstrando o poder de fazer morrer.

O conceito de necropolítica (ACHILLE MBEMBE, 2018), encaixa-se nas nossas análises, por entendermos que as ações das polícias contra populações específicas – leia majoritariamente de homens negros e jovens – evidenciam uma tentativa dissimulada de higienizar e embranquecer o Brasil. A forma de gerir a morte em territórios majoritariamente negros podem nos mostrar que a guerra às drogas é na verdade uma guerra racializada, na qual, a grande maioria das vítimas são negras, sejam eles/as os/as jovens ou os/as agentes de segurança pública. Quando só um lado sangra não é guerra, é massacre.

Além de fazer morrer, a dobradinha das políticas – drogas e segurança pública – são efetivamente políticas de encarceramento em massa, nesse sentido promovem a morte social de indivíduos negros/as, sendo esses/as em gran-

de maioria, a população carcerária. Contudo, não nos esqueçamos de apontar outras relações que a princípio não aparecem com tanta clareza nos debates de segurança pública e racismo, mas que engendram o sistema de opressões.

As relações capitalistas compõem papel fundamental na lógica das novas formas de embranquecimento e no projeto de gestão da morte na periferia do capitalismo. O primeiro ponto a ser destacado sobre as relações capitalistas e o proibicionismo é o caráter contraditório e ambíguo da guerra às drogas, de um lado, os capitalistas fabricantes de armas que lucram com a guerra e sucessivamente com a morte, do outro, o Estado que justifica a proteção dos cidadãos e impulsionam os discursos de erradicação das drogas, o mesmo discurso que gera a guerra às drogas e o sistema cíclico ao qual discutimos nos parágrafos anteriores. O segundo ponto é tão contraditório quanto o anterior. O Estado que justifica a erradicação das drogas para “proteger” os cidadãos é o mesmo Estado que ataca as políticas sociais através da lógica neoliberal fazendo, com isso, a desregulação do sistema de proteção social. Ataques no campo da saúde coletiva, da saúde mental e das principais estratégias de reduzir os riscos e danos do consumo abusivo de substâncias psicoativas, nos colocam frente a frente com a face da morte e da insegurança, a (in)segurança é pública⁴.

PARA CONTINUARMOS CAMINHANDO

Esse escrito de forma alguma busca responder todas as questões que atravessam a sociedade contemporânea brasileira, ao tempo que os apontamentos percorridos buscaram refletir as hierarquizações das relações socioraciais no Brasil de ontem e hoje, bem como, o embranquecimento em curso na nossa sociedade via novas faces de opressões aos corpos negros. Tentamos nos aproximar do debate a partir das lutas antirracistas e do movimento negro entendendo esses movimentos como ferramentas importantes no cenário de corre-

lações de forças com o Estado Burguês racista brasileiro.

Entender as relações entre o Estado, branquitude, capitalismo e racismo a partir da formação do Brasil é reconhecer relações de marginalização de populações específicas, pois quando um corpo negro é tombado na periferia por agentes da política de segurança pública, toda a carga de anos de sofrimento da população negra é evidenciada novamente, uma ferida aberta que o Estado insiste em colocar o dedo. Criticar o Estado de forma contundente é, nesse sentido, apontar não apenas o culpado, mas entender a batalha a partir de como se movimentam as peças no jogo de vida e morte no Brasil, mais ainda, é buscar respostas e disputar posições dentro do próprio Estado para estabelecer um processo que Gramsci aponta como “contra hegemônico” (COUTINHO, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta atividade obtivemos resultados significativos e importantes, como a promoção de debates ricos e informativos, articulando linhas de pesquisas dos estudantes de Serviço Social e de outros cursos, sendo estudante ou egresso, tivemos participantes de outras universidades e de membros da comunidade do Recôncavo, além da participação dos estudantes que se sentiram à vontade em está questionando e contribuindo no ciclo de debates, que vimos como um espaço político, pedagógico e formativo.

A realização dos debates corrobora a perspectiva de educação continuada, considerando o momento que estamos passando e as adversidades que estamos enfrentando. Nesse sentido, foi possível notar um ensino diferenciado, utilizando um modelo de palestra, mas com abertura para debates, inserindo pautas que poderiam passar despercebidas e jamais seriam discutidas novamente por esse público devido ao andamento de suas vidas acadêmicas. Essas e mais propostas de aprendizados são de extrema importância, não só para o curso de Serviço Social, mas, para todos os estudantes de ensino superior e demais.

⁴ Ver mais em: JESUS, Marcos Oliveira de. **Política sobre drogas e racismo: da periferia ao asfalto – ser preto é estar na mira do Estado.** 2019.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FERRUGEM, Daniela. **Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**. São Paulo v. 18, n. 50, p. 21-30, jan-abr 2004.

JESUS, Marcos Oliveira de. **Política sobre drogas e racismo: da periferia ao asfalto – ser preto é estar na mira do Estado**. 2019. 69 f. TCC (Graduação) – Curso de Serviço Social, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2020. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.ufrb.edu.br/handle/123456789/2313?mode=full>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5.ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SAAD, Luísa. **“Fumo de negro”**: a criminalização da maconha no pós-abolição. Salvador: EDUFBA, 2018.